

# VIAGEM, URBANIDADE E TURISMO NO RIO DE JANEIRO

COM JOÃO CHAGAS, *DE BOND* (1897)

JORGE FERNANDES ALVES\*  
ELSA PACHECO\*\*

**Resumo:** Este artigo desenvolve uma nova leitura, baseada na interdisciplinaridade entre história, geografia e turismo, usando uma lógica de desconstrução do discurso, de uma obra editada em 1867 por João Chagas, *De bond* – Alguns aspectos da civilização brasileira. Trata-se de um livro de viagem, obra algo esquecida, que nos remete para os novos comportamentos de observação sobre a cidade e o seu universo social, fazendo uso do conceito de *flâneur*, em transição para o fenómeno do turismo então em emergência. A análise permite-nos visitar o Rio de Janeiro dos finais do século XIX, na sua funcionalidade e reordenamento espacial.

**Palavras-chave:** Viagem; Interculturalidade; Urbanidade; Turismo.

**Abstract:** This paper develops a new reading, based on interdisciplinary intersections between history, geography and tourism, making use of a logic of deconstruction of the discourse of a book edited in 1867 by João Chagas, *By tramway* – Some aspects of Brazilian civilization. This somewhat forgotten work, a travel book in essence, brings us new practices of observation on the city and its social universe, making use of the concept of *flâneur*, in transition to the phenomenon of tourism, then just emerging. The analysis allows us to revisit Rio de Janeiro in the late nineteenth century in its functionality and spatial reorganization.

**Keywords:** Travel; Interculturalism; Urbanity; Tourism.

A viagem, plasmando-se numa grande variedade de narrativas, é um tópico que se presta a múltiplas abordagens interdisciplinares. Na perspectiva que nos anima, a viagem que se fez e seus nexos interessam-nos, sobretudo, pela mediação de temporalidades, espacialidades e materialidades, enquanto dimensões relativas ao processo histórico de construção do espaço social<sup>1</sup>, realizadas através de um observador interessado que, sentindo o binómio paisagem/sociedade numa determinada fase da estruturação do Rio de Janeiro, no-lo transmite, ainda que na sua forma filtrada de ver a realidade. Essa filtragem ganha especial acuidade quando o observador é alguém cujos percursos e sentidos perseguimos, na busca de compreender a complexidade de um autor e suas deambulações, naquilo que exterioriza e naquilo que oculta: é o caso do curioso livro *De bond* – *Alguns aspectos da civilização brasileira*, texto algo inesperado de João Chagas (Rio de Janeiro, 1.9.1863 – Estoril, 28.5.1925). Trata-se do conhecido jornalista e político republicano, irredutível e persistente conspirador, ligado à revolta de 31 de Janeiro de 1891, no Porto, e por isso preso, desterrado para África, fugitivo para Espanha e França, de novo preso e amnistiado, depois ligado à revolução de 5 de Outubro de 1910, vindo a ocupar a embaixada em Paris e a chefiar o primeiro ministério constitucional da República.

\* Historiador, FLUP – CITCEM.

\*\* Geógrafa, FLUP – CEGOT.

<sup>1</sup> LAW e HETHERINGTON, 2002; BARROS, 2005.

Nas atribuições políticas de João Chagas, *De bond* é um livro algo exótico, que foge ao registo típico da sua extensa obra, conhecida pelo texto político militante, plumitivo, incisivo, denunciador. A viagem ao Brasil não terá fugido ao quadro das atribuições políticas do autor, mas, de forma inesperada, surge-nos um Chagas *flâneur*, de espírito *baudelairiano*, qual vagabundo ocioso imerso na cidade, percorrendo as ruas do Rio de Janeiro, transitando por espaços sociais diversificados e contrastantes, aparentemente sem objectivo expresso que não seja o prazer de conhecer a urbanidade no seu caleidoscópio, observar lugares e ambientes em suas territorialidades sobrepostas, cedendo à ilação social, ao olhar estético ou ao comentário erótico, atribuindo sentidos ou recriando estereótipos sobre a organização urbana ou mesmo a sua etnicidade<sup>2</sup>.

Certamente haveria um factor político a acrescentar ao *flâneur* que João Chagas personificava: a implantação da República no Brasil despertara um grande interesse nos intelectuais republicanos, num movimento de curiosidade e de conhecimento, bem como de aproximação e busca de apoio para a revolução em Portugal. Nada como ir lá para conhecer os reflexos da implantação da república na sociedade e tactear solidariedades. Já ali se tinham refugiado vários dos perseguidos pela participação na revolta do 31 de Janeiro, após fugas para Espanha e França (no Brasil, o próprio Chagas se encontrou com o tenente Coelho, então integrado no movimento do marechal Floriano Peixoto e dando instrução militar a brigadas no Paraná<sup>3</sup>). A aproximação dos republicanos ao Brasil tinha, pois, várias dimensões, nomeadamente intelectuais: Sampaio Bruno, correligionário e companheiro de Chagas na aventura da nova imprensa republicana que conduziu à revolta de 31 de Janeiro, como ele exilado em Paris, ambos hóspedes no Hotel d'Edimbourg<sup>4</sup>, publicava, em 1898, o *Brasil Mental*, onde se debruça sobre o movimento positivista neste país.

Recorde-se que João Chagas tinha sido condenado, em 1891, a quatro anos de prisão celular ou seis de degredo, tendo sido levado para Moçâmedes, de onde fugiu para França: fez então duas viagens clandestinas a Portugal, sendo preso da segunda e enviado para Luanda. Foi abrangido pela amnistia de 1893 para a componente civil da revolta, o que permitiu o seu regresso livre a Portugal (11 de Maio). Todavia, em 1893 e 1894, publicou os *Panfletos*, textos que foram logo objecto de querela judicial. A viagem de João Chagas ao Rio de Janeiro, abordada no livro *De bond*, ocorreu no Outono de 1895, ou seja, num período aparentemente de menor actividade política de Chagas. Todavia, a 4 de Agosto de 1896, já estava a publicar o primeiro número de um novo e impetuoso jornal, em Lisboa, *A Marselhesa*, que duraria até 12 de Janeiro de 1898. Neste quadro, será lícito supor que a ida ao Brasil, de cuja acção política não fala senão muito esparsamente noutros volumes (encontro com o tenente Coelho, visita a ministro brasileiro), terá, porventura, contemplado alguma expectativa de solidariedade militante, tanto mais que, também em 1896, era iniciado na maçonaria, inserindo-se, assim, em redes mais vastas<sup>5</sup>.

<sup>2</sup> RIO, 1908: 5.

<sup>3</sup> CHAGAS, 1900: 94.

<sup>4</sup> CHAGAS, 1900: 89.

<sup>5</sup> Grande Oriente Lusitano. Disponível em <http://loja.ocidente.eu/?p=87> (consulta realizada em 28.06.2010).

Curiosamente, o livro *De bond* acaba por ser um reencontro com a terra de nascimento, pois Chagas nascera no Rio de Janeiro, filho de portugueses. Mas o texto é inexpressivo a este respeito, embora se saiba que, tendo ficado órfão muito cedo, veio para Lisboa e depois para o Porto, sendo educado em colégios, sob responsabilidade de familiares. Distanciamento real ou apenas técnico para uma observação mais neutra?

Editado em 1897, o livro desenha um interessante fresco apenas sobre a cidade do Rio de Janeiro, fruto das observações dos dois primeiros dias de estadia, a que se seguem considerações gerais. A cidade surge-nos em diferentes perspectivas, nas persistências e transformações das diversas áreas e usos sociais. Fazendo jus ao título principal, o autor confere relevo ao papel do *bond* ou *tramway* na expansão urbana e respectivo sistema de circulação, então em pleno afirmação e crescimento de uma rede designada no Brasil por «trilhópolis», complexo de estruturas de transporte sobre carris, fundamental, desde os finais do século XIX, para ligar a cidade aos subúrbios e dissociar o alojamento dos núcleos centrais votados à actividade económica e considerados insalubres. Mas o *bond* é também um dispositivo fundamental na produção de novos olhares sobre a urbanidade, ao penetrar no miolo das cidades em viagem acelerada, fomentando o relance a varrer o horizonte, permitindo captar o interior das casas através de portas e janelas abertas ao rés-do-chão, multiplicando a sucessão de ruas percorridas numa falsa satisfação de observação total da cidade, o que se faz naturalmente a um nível epidérmico e simbólico, mas de forma a perceber o pitoresco e os traços largos da sociedade, produzindo novos imaginários.

## 1. AS IMPRESSÕES DO PRIMEIRO DIA

**1.1.** Para um europeu meridional, como Chagas se sentia, chegar ao Brasil e alcançar a perspectiva do alto do tombadilho do paquete tocava o sentimento de descoberta de uma «terra misteriosa», num reencontro com a história e os primitivos descobridores: «ver do mar o Brasil é parecer tê-lo descoberto». Um deslumbramento iniciado com o avistamento, ao entardecer, do prodigioso Cabo Frio e seu farol, e prolongado na manhã seguinte, pelas «massas gigantescas de pedra, monstruosas e maciças», à entrada do porto do Rio de Janeiro, com o Pão de Açúcar e a Baía de Guanabara. Na suave deslocação do navio, surge a primeira impressão de uma

*Cidade a desdobrar-se na vertente de uma alta cordilheira, sumida ainda no céu por uma espessa confusão de névoas brancas, plantada um pouco ao acaso, na linha tortuosa da beira-mar e invadindo sem plano todos os mil acidentes do litoral, espraiando-se aqui, retraindo-se acolá, desaparecendo para reaparecer, intercalada de serros cobertos de casaria, ora cortada de vegetação, ora sumida em arvoredos, como se fora interrompida e recomeçada, e tendo assim de longe o aspecto de uma cidade provisória<sup>6</sup>.*

<sup>6</sup> CHAGAS, 1897: 7.

E, sublinhando o contraste entre a paisagem natural, descrita com base no recorte majestoso da topografia, e a ocupação humana, realçava alguns pormenores no conjunto: a baía de Botafogo, o morro da Glória, as praias do Russel e do Flamengo, mais além Nitéroí e Praia Grande, a Ilha Fiscal com seu edifício aparatoso. Encarando a beleza natural da paisagem como um potencial foco de atracção para o turismo então emergente, afirma, em premonição:

*O Brasil raro é visitado por literatos e artistas. Daí a saber-se a seu respeito pouco mais do que o que nos revelam as suas safras de café e as flutuações do seu câmbio. Todavia, esse Brasil, que eu mal conheço, mas cuja magnificência suspeito pelo pouco que vi, é dos países do mundo que melhor remunerariam a curiosidade do touriste, ávido de grandes impressões<sup>7</sup>.*

Contribuindo desta forma para a produção de sentido e de imagem de um lugar turístico<sup>8</sup>, Chagas vai regulando o obturador sobre a paisagem. No deslizar do transatlântico, surgem, em abertura panorâmica, as primeiras observações: o cruzamento com outros *steamers*, os navios da armada brasileira ancorados (entre eles, o cruzador República, já retocado dos efeitos da guerra civil), a aproximação dos botes de remadores e de lanchas de fiscalização (alfândega, saúde)... E a agitação das despedidas, os reencontros da chegada, a separação das sociabilidades de viagem: «uns aos outros, os companheiros de bordo esqueceram-se, já não se encontram, não se verão mais, e cada um trata de sair o mais depressa que pode»<sup>9</sup>. Por entre a vitalidade portuária «a receber e despedir vapores», a agitação, a gritaria numa «alegria que surpreende», mas num ambiente atraente: funcionários de bom porte, embarcações limpas e asseadas, «mulheres lindas e perfeitas, homens elegantes e, o que é bem natural que surpreenda a quem chega da Europa importadora de todas as indústrias de luxo – as mais belas e recentes *toilettes*». Primeiras impressões a retocar posteriormente, com a descida à terra, logo que «o pasmo cedeu lugar à curiosidade», pois «nem tudo é tão agradável como o primeiro aspecto dos mensageiros de terra, nem tudo deslumbra como o espectáculo de uma manhã assim, no belo porto»<sup>10</sup>.

No desembarque, depois de percorrer um sem número de docas, diques e estaleiros em laboração, a entrada na alfândega, um casarão alto «todo crivado de balas de espingarda», a denotar os efeitos dos tumultos que se seguiram à implantação da República. E a surpresa de uma cidade em festa: filas de raparigas vestidas de branco, munidas de *bouquets*, ruas embandeiradas, colchas nas varandas, repiques de sinos, chão coberto de folhas: «ouço que chega um bispo e, mal repostado da surpresa, de ver assim receber um bispo nesse país de livres pensadores, salto para um trem e faço-me conduzir a um restaurante»<sup>11</sup>.

Assim, em mudança de escala, a linha do horizonte dos acidentes topográficos deu lugar à identificação das baías e dos principais aglomerados até desembarcar e iniciar o

7 CHAGAS, 1897: 9.

8 PIMENTEL, 2009.

9 CHAGAS, 1897: 14.

10 CHAGAS, 1897: 16.

11 CHAGAS, 1897: 20.

percurso pelas ruas da cidade. Mas do deslumbramento da natureza à percepção do sintoma da continuidade das práticas sociais vai um instante, decepcionando quem buscava a modernidade: um republicano militante, que vai ao Brasil na expectativa de ver os reflexos do «livre pensamento» veiculado pelas maçonarias e pelo espírito racionalista dos meios positivistas, defronta-se, desde o desembarque, com a persistência de formas arcaicas de ritualização e dependência religiosa na veneração concedida ao bispo. Práticas que contrastarão, pouco depois, com a observação de algumas condutas sociais mais excessivas.

1.2. E chega a imersão na cidade, tomando uma velha caleche de postigo aberto. Confessa: «não tenho a menor ideia do plano da cidade, de forma que tudo o que vejo é para mim desconhecido e não sei se estou muito longe se perto do ponto a que destino»<sup>12</sup>. Sucedem-se as ruas estreitas, escuras, casas velhas, servindo de lojas e armazéns de comércio, nomes de firmas nos umbrais e população atarefada, sobraçando embrulhos ou empurrando carroças carregadas, pavimentos de lajes mal colocadas, águas empoçadas e detritos, obstáculos na circulação a cada passo, superados pelos solavancos da caleche, que galga passeios. Finalmente uma larga avenida, «sulcada de pequenos *tramways* tirados por mulinhas espertas que sacodem ao pescoço campainhas de metal», mas com passeios largos, quiosques, jornais e folhas ilustradas, cafés, engraxadores, e também comércio, negócio, agências, portas gradeadas de bancos, vitrines de cambistas, tabuletas em cada porta, enfim, «firmas, apelidos, sociedades, companhias, comanditas»<sup>13</sup>.

E surgem os grandes edifícios! E sucessivas ruas transversais que se cruzam com a avenida, mas são ruas estreitas e sujas, com mau ar, e «tem-se a impressão que o velho bairro, outrora compacto, foi cortado às talhadas», indiciando traços de modernização e/ou renovação da cidade:

*A correr aos solavancos de uma traquitana como a que me levava através desse dédalo lóbrego, tendo ainda os olhos plenos do panorama admirável da enseada, a impressão que experimento, longe de ser penosa, é agradável, e sinto-me divertido e compensado, cheio de curiosidade e de interesse, porque a vida das ruas faz-me esquecer as ruas; o transeunte disputa a minha atenção, os costumes, em que logo suspeito uma grande vivacidade, atraem já o meu espírito, e o movimento, a agitação, o passo apressado de toda a gente, os pequenos tramways passando a todo o trote carregados de passageiros, os carregadores a empurrarem carretas de mão, as carroças descarregando às portas, o ruído, o burburinho, o ar que todos têm de quem vai a negócios, de quem tem que fazer – uma aparência de fartura, de riqueza de bom lucro, de abundância geral, dispõem-me bem para essa nova civilização, que poderá não ser brilhante, mas que desde logo suspeito sólida e feliz<sup>14</sup>.*

<sup>12</sup> CHAGAS, 1897: 21.

<sup>13</sup> CHAGAS, 1897: 23-24.

<sup>14</sup> CHAGAS, 1897: 27.

A cidade recompunha-se, ganhava contrastes: a área velha persistia, mas permitia cortes e demolições para se arejar, para garantir salubridade e circulação, emergindo, parceladamente, uma nova cidade na fruição do progresso material. Mas as campanhas sanitárias ainda não tinham atingido o fervor destrutivo que, alguns anos depois, fizeram eclodir movimentos populares como a revolta da vacina (1904) contra a chamada «ditadura higienista» de Oswaldo Cruz, a modernização portuária de Lauro Müller e a linha urbanística da escola de Haussmann, esta representada no Rio por Pereira Passos, que, em simultâneo, desenvolviam acções demolidoras no seu afã de promover a regeneração da cidade antiga através das grandes demolições que se verificaram<sup>15</sup>.

**1.3.** Enfim, o restaurante. Como expressão de sociabilidade: «hoje em dia, comer já não é como outrora – alimentar-se. Comer é revelar-se»<sup>16</sup>. A gastronomia adquire para Chagas uma forma de expressão do ser e sentir de um povo, a partir daquilo que come e da forma como come. Elogia a gastronomia francesa, os seus pratos delicados, os queijos frescos e a manteiga sem sal, a sua cozinha de fórmulas transparentes e fáceis. Critica a cozinha inglesa, atascada em carne e encharcada em líquidos, carneiros às postas, carne em sangue... Uma cozinha pesada! Para se embriagarem os franceses fizeram o champanhe, os ingleses o gin! Para os franceses, *les beaux jours viendront*, para os ingleses *time is money!* E há ainda os espanhóis, resistentes à influência dos estrangeiros, sem vocábulos franceses nas ementas, uma alimentação marcada pela ferocidade, com uso de alimentos crus, tomates e pimentões comidos à talhada, a revelar um povo de carácter. Enfim, «diz-me o que comes, dir-te-ei quem és».

Com estas representações, Chagas entrou no restaurante *Mongini*: agradável de aspecto, com comidas frias à espera de escolha pelo cliente que não quer perder tempo, e serviço à lista, que solicita. Duas longas folhas eivadas de vocábulos estrangeiros e grande uso de diminutivos (*mãozinha de carneiro*, *picadinho*, *coxinha de frango*) e referências locais que atrapalham (moqueca, farofa, churrasco). O serviço fornecido: ervas picadas com carne picada, à mineira, camarões picantes com talos de palmito cozido, bananas fritas em manteiga, açúcar e canela, vinhos europeus, Camembert e um «delicioso café». E «um charuto da Baía que fazem a reputação universal do tabaco brasileiro». Conclusão?

*O brasileiro – pensei – deve ser isto. Sensual e guloso. Estas comidas traiçoeiras o indicam; esta lista de iguarias o diz. Diagnostiquemos: as comidas picantes e açucaradas denunciam paladar viciado, hábitos de gozo, sibaritismo. Os povos que abusam do açúcar são essencialmente voluptuosos. (...) Para o brasileiro, a mesa é um dos bons regalos da vida. (...) Pedir mãos de carneiro é querer comer; pedir mãozinhas é querer gozar<sup>17</sup>.*

<sup>15</sup> SEVCENKO, 1998: 22-26.

<sup>16</sup> CHAGAS, 1897: 29.

<sup>17</sup> CHAGAS, 1897: 36.

Mas, além dos vocábulos franceses, ingleses e italianos, a lista revelava uma enunciação desordenada, com as iguarias referidas ao acaso, sem ordem ou agrupamentos, com anotações nas margens. Ilação social: «pareceu-me que em tudo existiria, como nessa lista de restaurante, desordem, confusão, anarquia (...) a sua administração deve ser má, o lar, o cidadão turbulento». Acrescia que o criado o servira com fastio, tal como o cocheiro da caleche o tratara com rudeza: «recompondo impressões, cheguei a esta fórmula – indisciplina, rebeldia de classes, vida civil desregrada»<sup>18</sup>.

**1.4.** Duas da tarde de um dia de Setembro: eis a «famosa rua do Ouvidor», referência de orientação para o autor, com uma multidão faladora, circulando aos magotes, pregões no ar, venda de flores no meio da rua, lojas animadas, passagem de mulheres cobertas de jóias e *toilettes* aparatosas, grupos a lerem boletins e a discutirem política, ricos estabelecimentos de moda, perfumistas, jóias, chapéus de Paris, sedas de Lyon que «toda a mulher brasileira arrasta e de que cobre todo o seu corpo». Pastelarias cheias de gente em torno de grandes variedades de doçaria, gelados, vinho do Porto e acepipes. Imagens de prosperidade, ostentação, elegância, luxo. Na rua passam indivíduos atarefados e, sobretudo, mulheres:

*Quantas mulheres! Em geral vestem todas com requintado luxo: Observo isto: que a mulher vem ver ou mostrar alguma coisa. (...) A rua do Ouvidor é o rendez-vous da beleza feminina, e não creio haver no Brasil mulher bela que não tenha passado por ali*<sup>19</sup>.

Nem todas belas, nem todas brasileiras, mas o Brasil, disseram-lhe, «é o paraíso das mulheres. Assim o fico crendo. A mulher deve ser, entre esta raça, superior a todas as coisas (...) é a mulher ídolo, a mulher sacrário»<sup>20</sup>. Mas, interroga-se, porquê nesta rua estreita e sombria tanta concentração de riqueza e beleza?

De *tilbury* segue para a pensão, afastando-se do centro, rodando ao longo de um canal de água negra e gordurosa, o canal do Mangue, bordado de palmeiras, foco propício à infecção, a fazer lembrar as prevenções contra o clima e a febre que qualquer recém-chegado ao Brasil temia antes das campanhas sanitaristas levadas a cabo por Oswaldo Cruz e Carlos Chagas nos inícios do século XX, em combate contra a varíola, a febre-amarela e outras epidemias<sup>21</sup>. Ao longo do canal, rareavam as pessoas, surgiam os *tramways* abertos, sobre carris, em ruas mal calçadas ou mesmo abandonadas de bairros pobres dos arrabaldes. Enfim, surge uma rua larga, cheia de sol, com ricas residências e palacetes. A mudança na paisagem é exuberante: «dir-se-ia que a cidade acaba aqui e que uma outra cidade ia começar»<sup>22</sup>.

<sup>18</sup> CHAGAS, 1897: 39.

<sup>19</sup> CHAGAS, 1897: 46.

<sup>20</sup> CHAGAS, 1897: 48.

<sup>21</sup> SEVCENKO, 1998: 24.

<sup>22</sup> CHAGAS, 1897: 55.

E, finalmente, a pensão que lhe fora indicada, com atendimento por criados franceses, numa sumptuosa vivenda, rodeada de canteiros, palmeiras e estátuas, que fora propriedade de um capitalista português: disponível apenas uma alcova, com janela a abrir sobre uma vertente do Corcovado, de aluguer caro.

Mas depois do jantar, impunha-se nova partida para o centro da cidade, pois lá ficavam os espaços de diversão. Aceita a recomendação para tomar o *bond*, expressão brasileira, ouvida então pela primeira vez:

*O bond que passou vinha vazio. Era um destes carros americanos, abertos, em plateia, como os que circulam nas ruas de Lisboa, de verão. O cocheiro não vestia uniforme especial. Trazia na cabeça um grande chapéu de feltro de abas largas e o condutor usava um boné, de grande pala de tartaruga. Paguei com um níquel de 200 réis e sentei-me no banco da frente para ver melhor o aspecto das ruas, de noite. A cada passo o carro parava para receber ranchos de senhoras em cabelo, vestidas com luxo e acompanhadas de indivíduos em trajos de soirée, que pareciam dirigir-se a algum espectáculo ou baile, mas, em geral, os homens subiam sem mandar parar, com uma agilidade e uma segurança pasmosas, apesar de as mulas trotarem rijamente e o carro seguir com grande velocidade<sup>23</sup>.*

Mais carros se cruzavam, trazendo gente dos arrabaldes para o centro, em busca da diversão. Na entrada da cidade velha, o *bond* já levava passageiros pendurados nos estribos, deixando para trás ranchos que faziam paragem. Finalmente uma praça, «picada de candeeiros», onde «dois torreões de uma gare iluminada a globos eléctricos apareciam monumentais sob uma luz branca que vinha derramar-se em derredor»<sup>24</sup>. Uma estação de *tilburys*, a fachada de uma caserna, circulação de muita gente, trens e *bonds* e silvos de locomotivas manobrando à distância. A rua do Ouvidor estava agora deserta, não tinha vida nocturna. Eis outras ruas ao acaso e uma nova praça, já com *tramways* eléctricos que arrastam «uma longa cauda de *bonds* e fazendo ouvir o retinir de uma forte campanha de alarme»<sup>25</sup>.

Um botequim para tomar café e indagar sobre teatros: «o criado falou-me na rua da Carioca e na praça da Constituição». A rua da Carioca era marcada pela prostituição nocturna, à hora dos teatros: «em todas as portas há uma ou mais mulheres, sentadas ou de pé, encostadas ao umbral, insinuando em mau português, palavras de sedução»: húngaras, italianas, alemãs, russas, francesas. Surpreende a impudência, a indiferença para com essa exibição nos centros mais frequentados, mas «na capital do Brasil a prostituição é livre, é franca. Instala-se onde quer, exerce-se como quer. Não tem postura, não tem fiscalização. O estado ignora-a, a polícia também»<sup>26</sup>. O espectáculo reproduz-se em ruas como Gonçalves Dias, Sete de Setembro, Senhor dos Passos, no coração da cidade.

<sup>23</sup> CHAGAS, 1897: 66.

<sup>24</sup> CHAGAS, 1897: 67.

<sup>25</sup> CHAGAS, 1897: 70.

<sup>26</sup> CHAGAS, 1897:7 3.



A praça da Constituição, com jardim e a estátua do Imperador, concentrava agora o movimento apenas num dos lados, mas parecia ser o centro de maior vida nocturna, próxima de teatros e restaurantes:

*Tendo curiosidade em conhecer o teatro fui a dois ou três (...) Por uma senha de entrada paga-se uma bagatela e assim, na mesma noite, é fácil percorrer diversas casas de espectáculo, sem grande desembolso*<sup>27</sup>.

Teatros em quintais, discretos, barracões de tábuas... Ambientes e representações foram decepção, porque «os aspectos galantes e buliçosos da vida de dia, fizeram-me supor uma vida de noite igualmente atraente, elegante, aristocrática – alegres teatros, amplas avenidas, algum *boulevard* com *terrasses* e gente *chic*, bem vestida e bem acompanhada. Em vez disso, um bairro de comborças e, nos seus meandros sombrios, nas suas ruelas ínvias, uma população inclassificável de *souteneurs*, contratadores de bilhetes, soldados rasos, negros descalços, vivendo entre tabernas e lupanares, constantemente em briga»<sup>28</sup>.

Entrada num novo restaurante, cheio de gente... e um empregado pouco agradável:

*De resto, todos os serviços domésticos são, pelo que pude ver, maus, e muita gente, conhecendo essa deficiência, manda vir criados de fora, o que lhes custa um dinheirão. Segundo parece, os brasileiros, esquecendo o prólogo francês que diz que – il n’y a pas de sales métiers, mais des sales gens, não se prestam a exercer misteres que se lhes afigurem deprimentes, e quando os exercem é com má vontade e de mau humor que o fazem. O estabelecimento da República, trazendo consigo a fórmula triunfante da Igualdade, não contribuiu pouco para alimentar estes preconceitos, originariamente gerados numa grande indisciplina de classes, e ultimamente o espírito público achava-se tão eivado de anacronismos revolucionários, que se tratavam os criados dos cafés por cidadãos, como se não soubéssemos todos que eles o eram tão bem como nós*<sup>29</sup>.

Uma hora e um quarto. Toca a correr para o último *bond* que partia à 1h30, perder o *bond* seria um desastre, dado ser único meio aceitável de transporte e as distâncias enormes, pois sobraria apenas o *tilbury*, o agitado carro de dois lugares puxado por um só cavalo, caro e desagradável nos seus solavancos. O *bond* cheio? No Rio de Janeiro, o *bond* não enche: «Quando não há lugares dentro, vai-se para as plataformas, e quando as plataformas estão ocupadas, pendura-se a gente nos estribos. Não há lotação: Cada qual aloja-se como pode»<sup>30</sup>. Só já perto da pensão, o autor conseguiria lugar sentado, para depois se recolher tiritando, como se fosse Dezembro em Lisboa.

Terminava o primeiro dia da chegada ao Rio de Janeiro, com circulação que, em termos reais, se cartografa num perímetro de 10 km<sup>2</sup> da cidade velha, a uma distância de

<sup>27</sup> CHAGAS, 1897: 76.

<sup>28</sup> CHAGAS, 1897: 81.

<sup>29</sup> CHAGAS, 1897: 84-85.

<sup>30</sup> CHAGAS, 1897: 86.

cerca 4 km da pensão. Esta parte da narrativa ocupa cerca de 43% das páginas do livro. As primeiras impressões são as mais meticulosas e sugestionáveis nos percursos de um *flâneur*, com traços que se tornam marcantes no seu imaginário sobre o território e a sociedade.

## 2. AS IMPRESSÕES DO SEGUNDO DIA

O segundo dia de estadia ainda contém algumas descrições de pormenor. A manhã de vilegiatura na vivenda que servia de pensão, passeando na propriedade. A troca de impressões com um comensal argentino, que não morria de amores pelo Brasil e que seria sua companhia na viagem de *bond* ao centro da cidade, com explicações cáusticas sobre os transportes, os hábitos, a incúria na higiene pública e a gulodice dos brasileiros. «Comem doce em toda a parte», dizia o argentino, perante vendedores de rebuçados, comentando o elevado consumo de doçarias, com os mais humildes a chuparem pedacitos de cana-de-açúcar. E apontava as consequências negativas para a dentição: «uma das melhores profissões a exercer no Brasil é a de dentista. Percorra essas ruas e não haverá uma única onde não encontre um dentista, e sempre com a casa cheia, a transbordar. O dentista, no Brasil, faz fortuna»<sup>31</sup>.

Chegada a hora de retirar a bagagem da alfândega, o narrador usa uma das várias cartas de recomendação que trouxera, expediente habitual para os candidatos a caixeiros que partiam em contexto de emigração, mas também para os que viajavam em negócios ou visitas. A carta de recomendação apresentava o visitante a uma casa de negócios, habitualmente de um português, em procura de facilidades para instalação, neste caso para cedência de um empregado para cicerone. É essa apresentação, um tanto burlesca mas hospitaleira que surge na narrativa, com convite para almoçar e jantar. Declinada essa oferta, seguiu o visitante com o cicerone rumo à alfândega, «um rapazote dos seus vinte anos, ainda imberbe, português das províncias», falando pelos cotovelos, mas afável. Os armazéns da alfândega não surpreendem pela confusão e formalidades obrigatórias, com centenas de pessoas a procurarem bagagens soltas, entre malas de couro de ricos e arcas de pinho de emigrantes (acabados de chegar em três vapores). Nota positiva, não havia qualquer taxa a pagar, nenhuma insinuação para gratificações: «certas impressões más são sempre atenuadas por impressões boas, e os brasileiros fazem-se perdoar grandes defeitos por excelentes qualidades»<sup>32</sup>.

E uma constatação sobre a diferença entre viajantes, entre os turistas e os outros:

*Os viajantes como eu não são frequentes no Brasil. Em geral, quem vai a esse país tem alguma coisa urgente a fazer. Uns querem ganhar e não perdem um minuto; outros querem enriquecer e não tardam uma hora. É chegar e lançar mãos à obra. Muitos nem têm tempo de reconhecer o país em que estão. Chegam e começam. O viajante como eu, meio touriste e sem pressa, é raro. Por isso vive isolado, não tem companheiros, nem guias. Em toda a capital do*

<sup>31</sup> CHAGAS, 1897: 91.

<sup>32</sup> CHAGAS, 1897: 105.

*Brasil não se encontra talvez um único ocioso capaz de acompanhar um flâneur, ido em férias a ver a terra do ouro. Toda a gente, mais ou menos, tem em que se ocupar e se não tem um negócio tem hábitos, vícios, paixões que lhe tomam o tempo. Estar na rua do Ouvidor é um hábito e, para o brasileiro, esse hábito é uma ocupação. O jogo, que desempenha um tão grande papel nos hábitos da população fluminense, é um vício e é igualmente uma ocupação. O jogo da pelota toma o tempo a muita gente<sup>33</sup>.*

Mas é o negócio que predomina. No Brasil, diz, todas as iniciativas permitem ganhar dinheiro. Das dez às cinco todos estão ao serviço (comerciante, banqueiro, advogado, médico), não se deixando atrair para outras coisas, depois procuram o *bond*, ou seja, o retorno a casa nos arrabaldes, para junto da família e dos prazeres caseiros. Seguindo a repartição geográfica da urbe:

*A própria disposição da cidade não se presta a uma vida de flânerie. Em todo o seu vasto recinto há duas zonas: uma, que é aquela em que se trabalha; outra, que é aquela em que se repousa; uma que é a loja, o armazém, o escritório; outra que é a casa, a habitação, o lar. Esta divisão de zonas limita a vida, que assim se reparte em dois estados: o negócio e a família<sup>34</sup>.*

Só ao domingo se descansa, fechando todos os estabelecimentos comerciais. Abrem-se então os hipódromos, os salões particulares, os clubes de bailes, com a juventude a folgar, enquanto negociantes, banqueiros e médicos ficam em casa, no jardim, a ler jornais: «entre o negócio e o repouso, a maioria dos habitantes não conhece diversão». Os teatros são frequentados pela juventude ou pelos capitalistas que vão à ópera. O «homem que trabalha» raramente vai ao teatro, fica em casa quando não tem que fazer, essa é a sua diversão, diz Chagas, sublinhando uma ideologia do trabalho muito comum nos territórios de imigração.

Sem companhia, restava ao autor, para sentir a cidade, andar sozinho, o que, no Brasil, excluindo o bairro comercial, significava andar de *bond*, meio barato e cómodo para circular no perímetro da cidade. Usando para isso as duas categorias deste transporte: o *bond* urbano ou *bondinho*, que corria a cidade velha, por isso era pequeno para circular em ruas estreitas, e o *bond* grande que faz as longas distâncias, cujo único obstáculo sério era a montanha. Daí trajectos que eram verdadeiras excursões, como a linha de Copacabana ou a das Águas Férreas. Um serviço que, na altura, era explorado por três companhias: a do Jardim Botânico, a de Vila Isabel, a de S. Cristóvão. E o autor sublinha a intensidade do tráfego de uma cidade populosa como era o Rio, onde a casa e o negócio se situavam em pontos diametralmente opostos, com partidas sucessivas e paragens breves, com uma procura avassaladora durante o dia. Mas «tomar o *bond* é ter a certeza de partir a uma hora precisa e, a menos que pelo caminho se não levantem

**33** CHAGAS, 1897: 108.

**34** CHAGAS, 1897: 109.

embarços, a certeza de chegar a hora igualmente certa. O *bond* não falta, não engana, não atraiçoa»<sup>35</sup>.

João Chagas apercebe-se da excelente organização dos serviços do *bond*, que «faz o orgulho dos fluminenses», de tal forma que

*O bond é um detalhe característico da vida brasileira. Constitui um laço permanente entre a existência do cidadão e a rua; é um constante traço de união entre a colectividade e a família. Toma proporções de instituição e se a iniciativa particular não o criasse, o Estado teria forçosamente de o promulgar; (...) uma interrupção súbita no serviço dos bonds seria motivo para suspender por um momento todo o tráfico entre os cidadãos*<sup>36</sup>.

O autor sublinha a sua longa divagação sobre o *bond*, puxado para título do livro, pelo papel social que este meio de transporte desempenhava na vida quotidiana do Rio de Janeiro e que lhe permitiu, num assomo de curiosidade e em curto espaço de tempo, vislumbrar alguns aspectos da civilização brasileira:

*Vi depressa, como o viajante que, tocando em um porto de escala, desce a terra a aproveitar as poucas horas de demora do barco e volta para bordo com a cabeça cheia de impressões e os olhos cheios de panoramas. Não obtive conhecimento exacto, fórmula decisiva ou juízo seguro, e na minha memória, como no meu espírito, tudo ficou tumultuário e vago, como numa chapa fotográfica por muito tempo exposta a sucessivas imagens*<sup>37</sup>.

### 3. IMPRESSÕES GERAIS

Como João Chagas afirma, o seu texto é o de «um livro de viagem: não é um guia de viajante». Deu mais corda ao «capricho de fixar aspectos» do que à preocupação de elucidar viajantes, o que fez através de fugazes impressões que lhe produziram «visões nítidas». O *bond* permitiu-lhe interpretar uma paisagem de contrastes, entre o natural e o construído, o pobre e o rico, o velho e o novo. Permitiu-lhe, em parte, uma leitura da paisagem rápida, elementar, intensa, sustentado amplamente nos cinco sentidos, por isso o considera um «aspecto» da civilização brasileira que lhe favoreceu a percepção de «outros aspectos».

E o autor completa o livro com esses «outros aspectos», numa segunda parte, com 40% do total da paginação. Estas abordagens são já fruto de uma reflexão mais aturada e não das impressões imediatistas de uma viagem em velocidade acelerada pelas ruas da cidade, cujos traços ficaram apenas para as páginas dedicadas aos dois primeiros dias de uma estadia que se prolongou por alguns meses.

<sup>35</sup> CHAGAS, 1897: 113.

<sup>36</sup> CHAGAS, 1897: 114.

<sup>37</sup> CHAGAS, 1897: 115.

Num primeiro tópico, discute a expressão «país do trabalho», geralmente atribuída ao Brasil, sublinhando que neste caso a palavra trabalho significa apenas negócio, não abrangendo outras modalidades, como introdução à questão da condição do intelectual brasileiro: «num país em que o negócio assim absorve tudo, a vida intelectual é necessariamente penosa»<sup>38</sup>. Aponta escritores brasileiros (Aloísio de Azevedo, Coelho Netto, Artur de Azevedo, Valentim de Magalhães, Olavo Bilac) cuja «febril actividade» não é considerada trabalho. A poetas ouviu chamar vagabundos (talvez no sentido de boémio) e os artistas eram personalidades não faladas, não discutidas, quando não desprezadas. Só alcançavam prestígio alguns escritores de jornal que se ocupavam de política (Ferreira de Araújo, Bocayuva, Patrocínio), pois «o grosso de uma população de negociantes, como a permanente absorção de uma vida de negócio, pesa sobre todas as tentativas de emancipação intelectual»<sup>39</sup>. Mas, diz, há brasileiros ricos que não fazem negócio, que vivem dos proventos da agricultura: são os brasileiros do *Café de la Paix*, em Paris, onde se encontrou com alguns. São filhos de famílias que estudam nas universidades de França, Bélgica, Suíça, e que, regressando, o seu pensamento continua na Europa, ou seja, na França, «porque a civilização francesa é a que mais os fascina pelo aparato do seu luxo e do seu brilho»<sup>40</sup>. Reconhece, assim, uma elite «evada de estrangeirismo», que vive nos lindos subúrbios do Rio, «em palacetes e pavilhões construídos à sombra de gigantescas montanhas ou à beira de quietas baías de água salgada, numa amena e regada vilegiatura», não se confundindo com negociantes: um Brasil diferente «discretamente chauvinista, mas profundamente internacional», fruindo!

Um outro aspecto: o Brasil como quimera para a emigração portuguesa, a qual se baseia, assim, num erro, num «resto de sonho antigo». Um mal que urgia remediar. Houve tempo em que se emigrava por ambição, mas agora emigrava-se «por miséria». Antes a emigração seria exclusivamente rural, agora emigravam também homens das cidades. Dantes levavam uma arca de pinho, agora malas de coiro, excelente roupa branca, algumas libras, mas também o desalento e a dúvida. Desenha os percursos da emigração num tom lúgubre, a que já não valem as cartas de recomendação, reconhecendo, porém, que ainda se faziam fortunas ligadas à tradicional casa de negócio: para isso era necessário ser novo e seguir a rotina no comércio, fora disso só excepcionalmente enriqueceriam. Mas, a par destes, uma legião sucumbia à miséria, à nostalgia, à infecção. Se não retornava ou sucumbia, o português dispersava-se, deixava-se assimilar, desligava-se da pátria de origem, a sua única ligação era o Banco para transferir mesadas: não lia jornais portugueses, não lhe interessava a vida portuguesa; lia os autores do passado (Herculano, Garrett, Castilho), ignorando a novíssima literatura portuguesa, «ficou amando um Portugal que já não é o de hoje (...) embezerrou num ferrenho conservantismo»<sup>41</sup>. Os portugueses casavam com brasileiras, tomavam partido, envolviam-se nas lutas políticas da implantação da República: «o elemento republicano exaltado, a que também chamam

38 CHAGAS, 1897: 120.

39 CHAGAS, 1897: 122.

40 CHAGAS, 1897: 125.

41 CHAGAS, 1897: 141.

jacobino, habituou-se a ver na colónia portuguesa um foco de reacção contra as novas ideias, e tal prevenção foi o ponto de partida de uma campanha de hostilidades, que desceu dos jornais e dos panfletos à rua e deu lugar a conflitos graves»<sup>42</sup>. Nas movimentações republicanas, a colónia portuguesa foi, de facto, acusada de reacção anti-republicana e de apoiar as acções reaccionárias do almirante Custódio de Melo, sendo atacada violentamente pelos nativistas, que já defendiam a nacionalização de bens pertencentes a portugueses e encontraram novo argumento com o asilo concedido pelo comandante Augusto de Castilho aos revoltosos fugitivos e seu acolhimento nas duas corvetas portuguesas (11 de Março de 1894), o que levou ao corte de relações diplomáticas, só reatadas um ano depois<sup>43</sup>. Entretanto, afirma Chagas, estes emigrantes ignoram as evoluções do seu país e, se retornam a Portugal, encontram-se deslocados num meio que também não os reconhece. Alguma desilusão no militante republicano, enquanto apregoador de ideias novas, junto da emigração que apresentava como uma massa conservadora!

O crescimento urbano do Rio de Janeiro, com a atracção do subúrbio pelos ricos e remediados era outro aspecto a merecer alusões do autor. Fugia-se do centro da cidade, com medo da infecção, só o habitava quem não tinha recursos: caixeiros, marçanos, comerciantes em início de carreira, mulheres de vida airada, gente pobre. Ricos e remediados potenciavam subúrbios elegantes (Laranjeiras, Botafogo), de rica arquitectura, ruas largas, servidos já pela viação eléctrica, aristocrática, com percurso quase sempre à beira-mar, mas com *tramways* de segunda classe para gente de cor e descalça. E valorizavam-se já os pontos de referência turística: a Tijuca e o Corcovado, a cujas visitas João Chagas não faltou, percursos que considerou surpreendentes e misteriosos. Acrescente-se ao modo de ser da sociedade brasileira, a informalidade como norma, nas refeições, nos acessos aos serviços públicos, incluindo aos ministros, no parlamento, com a contrapartida de uma «profunda indisciplina de classes», sendo frequentes a desordem, a rixa, o motim. E revela-se novamente o republicano militante que João Chagas corporizava, disfarçando a agitação lusófoba que na altura se verificava:

*O império corrompeu; é mister que a República o moralize (...) A República tem de ser exigente se quer salvar o Brasil. A obra do sectarismo está finda; o que urge é começar a obra da Reforma, esquecendo por um momento que existem partidos, para se recordar que existe a sociedade, definindo as Constituições, mas não cessando de promulgar posturas (...) Posturas – quer dizer: ordem. Com um bom código de posturas e uma polícia em termos, o Brasil fica como novo*<sup>44</sup>.

O Carnaval do Rio de Janeiro, a que não pôde assistir, era um tópico a que não podia fugir, tratando-o a partir das referências que lhe fizeram. «Acto de loucura colectiva», com

<sup>42</sup> CHAGAS, 1897: 143.

<sup>43</sup> GONÇALVES, 1995: 151-180; MAGALHÃES, 1997: 49-52.

<sup>44</sup> CHAGAS, 1897: 186.

a iniciativa a ser assumida por clubes carnavalescos, associações de recreio fundadas por gente de comércio, «para dançarem durante o ano e saírem aparatosamente nos dias épicos do Entrudo». Nos cortejos, sustentados em carros alegóricos e alusões políticas, se gastavam fortunas, suscitando acesas rivalidades, que, por vezes, degeneravam em motins de rua. Dessas associações faziam parte grande número de portugueses.

Dada a sua frequência mensal, teve o autor oportunidade de assistir a bailes dos dois clubes (transcrevendo convites de Setembro e Outubro de 1895) e observar Existiam ainda os bailaricos semanais (*fandanguassú* e *forrobódó*). O baile era o vício do brasileiro, onde dançava o *machiche*: «enlace impúdico de dois corpos, (...) o *machiche* é um tango, dançado à espanhola, por brasileiros (...) a sua música é música dos tangos, com um ritmo novo, introduzido no Brasil por compositores brasileiros; mas na realidade, dança-se ao som de todas as músicas (...) porque o *machiche* é o acto de dançar e não a própria dança»<sup>45</sup>. E, numa observação carregada de erotismo, João Chagas descreve os movimentos, que tanto podiam ser executados com doçura ou com frenesim, numa passagem que, ainda hoje, é muitas vezes transcrita em textos brasileiros sobre a dança, não deixando, assim, de notar a sensualidade de danças marcadas pela tradição africana que a República haveria de proibir, favorecendo a sua substituição por danças de salão, na sua ânsia de europeizar a sociedade do Rio de Janeiro.

#### 4. PARTIDA

No correr dos dias, chega a nostalgia, apesar do «Brasil tão belo», quiçá a decepção! No Brasil, a natureza, grande de mais, esmaga-o, sente a necessidade de outra mais humana, a «saudade terna dos países simples em que fomos criados, da paisagem meã, dos outeirinhos baixos, dos olivedos e das vinhas». O estio abrasador, os rebates de febres e pânicos, num permanente sobressalto, fazem olhar para a saída da barra:

*Não é a nostalgia da Pátria, é a nostalgia da Europa, de Paris, de Londres, das ideias, dos factos (...) Queremos o Figaro, o Intransigent, o Times, o Imparcial, chegados de fresco, com os seus dois rápidos dias de viagem, contando-nos as coisas palpitantes da civilização (...) as últimas revistas e os últimos livros, acabados de sair dos prelo*<sup>46</sup>.

Também os costumes do Rio de Janeiro pesam, pois «há demasiado tumulto, demasiada agitação, gente de mais, palavras de mais (...) tanto comércio, tanto negócio, tanto tráfico, acabam por nos acabrunhar, e sentimos que nos falta, com a pachorrenta ociosidade da nossa terra, a questãozinha literária à mesa do café e a rica palestra erudita, a desoras, à luz do gás»<sup>47</sup>.

E, numa manhã, partiu, tomando outro navio.

<sup>45</sup> CHAGAS, 1897: 193.

<sup>46</sup> CHAGAS, 1897: 198.

<sup>47</sup> CHAGAS, 1897: 199.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Dandy* em viagem de turismo, João Chagas produziu, de forma deliberada, um texto diferente do seu habitual jornalismo panfletário ou das suas crónicas políticas e diplomáticas, assumindo os comportamentos, então em voga, de *flâneur*. No entanto, *De bond* não é um livro totalmente desligado da escrita do autor, pois, na sua faina jornalística, João Chagas notabilizou-se inicialmente, antes de abraçar a causa republicana, por fazer reportagens de ambientes e de viagens para *O Primeiro de Janeiro*, a que conferia um colorido reconhecido, sendo um intelectual que saía da sua secretária e partia para o terreno, assumindo o trabalho que habitualmente era atribuído a jovens em iniciação ou a jornalistas menores, pois o prestígio social era atribuído, na altura, aos autores de artigos de opinião e de análise política. E se, enquanto repórter, contribuiu para revolucionar a forma de fazer jornalismo, com reportagens de qualidade, atraindo novos leitores para essa produção, também contribuiu para outra revolução no jornalismo, a partir de 1890, ainda na cidade do Porto, na sequência do *Ultimatum* inglês, através de artigos panfletários e militantes em *A República* e, principalmente, em *A República Portuguesa*, a que outros títulos se seguiram, já depois da revolta de 31 de Janeiro, como foi o caso, naturalmente efémero, de *A Portuguesa*, que saiu nos inícios de 1892, com o longo espaço em branco no título a inculcar o jornal anterior proibido pelo tribunal, passando Chagas a assinar com o pseudónimo de Ivan e dirigindo o jornal a partir do exílio em Paris<sup>48</sup>.

O livro *De bond* configura, então, uma reportagem de uma visita ao Brasil, embora a descrição fique circunscrita ao Rio de Janeiro, viagem que terá acontecido no Outono de 1895, vindo o texto a ser editado em livro em 1897. Reportagem eivada de uma atmosfera intelectual simbolista, tanto nos tópicos que aborda, como na forma como o faz, retratando, sob a configuração de sucessivos *clichés*, a cidade, nos seus traços mais salientes (as paisagens, os grandes movimentos, os grupos, os solavancos, os cheiros, os contrastes), raramente se preocupando com o monumento histórico, o pormenor ou a identificação minuciosa de lugares ou pessoas. Considerando-se um *flâneur*, figura de observador ocioso da urbanidade criada à imagem maldita de Baudelaire, João Chagas olha a paisagem e a sociedade do Rio de Janeiro em relance, primeiramente a partir do navio que o transporta, em perspectiva panorâmica, e depois a partir do *bond* que utiliza no miolo urbano e nos subúrbios, sem esquecer outros meios tradicionais de transporte, procurando reificar as «fugazes impressões» em «visões nítidas – aspectos» da sociedade brasileira.

Naturalmente, o Rio de Janeiro não era o Brasil, mesmo na sua lata faixa litoral, e muito menos na sua longitude, dissociando-se o país litoral do país interior, então envolto na Guerra dos Canudos, de resistência rural ao republicanismo<sup>49</sup>. O título assume, assim, o tropo da sinédoque, pois o essencial do livro corresponde às impressões de viagem apenas ao Rio de Janeiro nos dois primeiros dias, utilizando velhas e novas condições de mobilidade. Mas a verdade é que a observação rápida da capital federal, de escrutínio leve e necessariamente superficial, visão típica do estrangeiro em viagem de

<sup>48</sup> CHAGAS, 1900: 148-164.

<sup>49</sup> CUNHA, 1957.



turismo, que, por isso, privilegia a espacialidade numa altura em que a discussão sobre os modos de viver a urbanidade estava na ordem do dia, ajudando a divulgar novas representações da «cidade maravilhosa». Imagens de bilhete-postal, embora com conteúdo social, que se tornarão depois marcas para os roteiros do turismo de massas, assimilando os traços do Rio de Janeiro ao país inteiro, num fenómeno de alastramento que perdurou longamente no imaginário europeu relativamente ao Brasil.

## BIBLIOGRAFIA

- AMIROU, Rachid (2007) – *Imaginário Turístico e Sociabilidades de Viagem*. Porto: Estratégias Criativas.
- BARROS, José D’Assunção (2005) – «História, região e espacialidade». In *Revista de História Regional*, n.º 10 (1). Ponta Grossa: UEPG, p. 95-129. Disponível em <URL: <http://www.uffs.edu.br/wp/wp-content/uploads/2010/06/Historia-regi%C3%A3o-e-espacialidade.pdf>> [Consult. 28.06.2010].
- CHAGAS, João (1897) – *De bond. Alguns aspectos da civilização brasileira*. Lisboa: Livraria Moderna.
- \_\_\_\_ (1900) – *Trabalhos forçados*. Lisboa: Folha do Povo.
- \_\_\_\_ (1913) – *Diário de um condenado político*. 2.ª ed. Porto: Livraria Chardron.
- CRISTÓVÃO, Fernando (coord.) (2009) – *Literatura de Viagens. Da tradicional à nova e à novíssima*. Coimbra: Almedina.
- \_\_\_\_ (coord.) (2002) – *Condicionantes culturais da Literatura de Viagens. Estudos e Bibliografias*. Coimbra: Almedina.
- CULPEPPER, Joe (2009) – «Flâneurs and Infiltrators (How to Read Cityscapes via Textscapes)». In *Reconstruction – Studies in contemporary culture*, n.º 9 (2). Disponível em <URL: <http://reconstruction.eserver.org/092/culpepper.shtml>> [Consult. 16.06.2010].
- CUNHA, Euclides da (1957) – *Os Sertões: campanha de canudos*. 25.ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.
- DUNLOP, Charles (1973) – *Os meios de transportes do Rio antigo*. 2.ª ed. Rio de Janeiro: Grupo de Planeamento Gráfico Editores.
- EDMUNDO, Luís (2003) – *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Brasília: Senado Federal. Disponível em <URL: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/sf000059.pdf>>.
- GONÇALVES, Eduardo Cordeiro (1995) – *Ressonâncias em Portugal da Implantação da República no Brasil (1889-1895)*. Porto: Reitoria da Universidade do Porto.
- Grande Oriente Lusitano. Disponível em <URL: <http://loja.ocidente.eu/?p=87>> [Consult. 28.06.2010].
- LAW, John; HETHERINGTON, Kevin (2003) – *Allegory and Interference: Representation in Sociology*. Lancaster University: Department of Sociology, on-line papers (Lancaster LA1 4YN). Disponível em <URL: <http://www.comp.lancs.ac.uk/sociology/papers/Law-Hetherington-Allegory-Interference.pdf>> [Consult. 28.06.2010].
- MAGALHÃES, José Calvet de (1997) – *Relance histórico das relações diplomáticas luso-brasileiras*. Lisboa: Quetzal Editores.
- MENESES, Afonso Bourbon e (1930) – *O Diário de João Chagas. A obra e o homem*. Lisboa: J. Rodrigues & C.ª.
- MESQUITA, Alfredo de (1930) – *João Chagas*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira.
- PIMENTEL, Maurício R. (2009) – «A sociedade urbana e a espacialidade turística». In *Turismo & Sociedade*, vol. 2, n.º 2. Curitiba, p. 128-143. Disponível em <URL: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/turismo/article/viewFile/15832/10475>>. [Consult. 28.06.2010].
- RIO, João do (1908) – *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em <URL: <http://www.scribd.com/doc/33639677/Joao-do-Rio-A-alma-encantadora-das-ruas>>.
- SVCENKO, Nicolau (org.) (1998) – *História da Vida Privada no Brasil*, vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras.

